

AGROPECUÁRIA E INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO 1920-1980: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS TERRITORIAIS

Bruno de Oliveira Lemos

Mestre em Geografia – POSGEA/UFRGS

Geógrafo da SEPLAN/RS

E-mail: bruno-lemos@seplan.rs.gov.br

Suzana Beatriz de Oliveira

Especialista em Geografia Ambiental - POSGEA/UFRGS

Geógrafo da SEPLAN/RS

E-mail: suzana-oliveira@seplan.rs.gov.br

Pedro Silveira Bandeira

Doutor em Ciência Política - UFRGS

Economista e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: pedroban@orion.ufrgs.br

RESUMO

O objetivo do texto é identificar e analisar algumas transformações territoriais na agropecuária e indústria do Rio Grande do Sul a partir dos censos do período 1920- 1980. Para isso, é utilizado o método corte-transversal, desenvolvido por Richard Hartshorne, posteriormente aperfeiçoado por H.C. Darby. Dessa maneira, procura relacionar a descrição e a explicação dos mapas do Rio Grande do Sul produzidos a partir dos dados dos censos brasileiros a uma análise das transformações históricas que produziram as distribuições geográficas desses dados. Com base nessa metodologia, são abordados alguns processos de transformação na agropecuária e indústria do Rio Grande do Sul no período 1920-1980. Observam-se, na análise, alguns processos territoriais importantes, como a perda de importância da Região Sul do estado nos dois setores; ganho de participação da Região Norte, especialmente após a introdução das lavouras de grãos; configuração do Eixo Porto Alegre-Caxias do Sul como centro da indústria estadual; e, no final do período, relativa desconcentração industrial de Porto Alegre em direção a municípios adjacentes, motivada pelas deseconomias de aglomeração.

9

PALAVRAS- CHAVE: Geografia Econômica; Geografia Histórica; Rio Grande do Sul.

AGRICULTURE, LIVESTOCK AND INDUSTRY IN RIO GRANDE DO SUL FROM 1920 TO 1980: SOME TERRITORIAL CHARACTERISTICS

ABSTRACT

This article aims at identifying and analyzing some territorial transformations in agriculture and industry in Rio Grande do Sul State from the censuses of the period 1920-1980. Therefore, the cross-section method, developed by Richard Hartshorne and later improved by H.C. Darby, was used. Thus, it seeks to relate description and explanation of maps of Rio Grande do Sul (produced from Brazilian censuses) to an analysis of the historical transformations that produced the geographical distributions of these data. Based on such technology, some transformation processes in agriculture and industry in Rio Grande do Sul, during the 1920-1980 period, are approached. From the analysis, some significant territorial processes are observed, such as the loss of importance of the South Region of the state in both sectors; the increase of participation of the Northern Region, especially after the introduction of grain-crops; the establishment of Porto Alegre-Caxias de Sul axis as the State's industrial center; and, finally, the relative industrial decentralization from Porto Alegre towards nearby municipalities caused by agglomeration diseconomies.

KEYWORDS: Economic Geography, Historical Geography, Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como propósito identificar e analisar algumas transformações territoriais na agropecuária e indústria do Rio Grande do Sul a partir dos censos do período 1920-1980. O material disponível para essa análise apresenta intervalos consideráveis, representados pelos recortes temporais dos dados disponíveis dos censos brasileiros do período.

Nesse sentido, é adotado o método *corte-transversal*, desenvolvido por Richard Hartshorne, que aborda a geografia histórica a partir de um método de cristalização do tempo, com a descrição e explicação de uma determinada paisagem histórica. A paisagem histórica do Rio Grande do Sul nos anos supracitados será construída a partir dos dados dos censos brasileiros do período.

Posteriormente, esse método foi aperfeiçoado por H.C. Darby, que procurou dar a ele historicidade. Também foi utilizado nos livros organizados por Darby sobre geografia histórica da Inglaterra: *A New Historical Geography of England after 1600* (DARBY, 1976b) e *A New Historical Geography of England before 1600* (DARBY, 1976a). Segundo Darby.

Se, por um lado, cada corte-transversal em uma sequência objetiva ser um perfil geográfico equilibrado, composto de descrição e explicação, haverá, necessariamente, muitas repetições e graus variáveis de sobreposição à medida que cada corte transversal variar para trás para satisfazer suas próprias necessidades. Se, por outro lado, cada corte transversal estiver limitado estritamente a seus próprios materiais contemporâneos, uma crítica válida poderia ser que a sequência constitui uma série de fotografias estáticas que ignora o processo de vir a ser.¹ (DARBY, 1976b)

10

Sendo assim, o método *corte-transversal* deve ser complementado por uma explicação histórica da transformação dos referidos recortes temporais, no caso do presente texto, os censos de 1920, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980. Esse método também foi utilizado pelo geógrafo canadense Stephen Bell em seu estudo sobre a pecuária na Campanha gaúcha no período 1850-1920 (BELL, 1998).

O artigo procura, dessa maneira, relacionar a descrição e explicação dos mapas do Rio Grande do Sul produzidos a partir dos dados dos censos brasileiros a uma análise das transformações históricas que geraram as distribuições geográficas desses dados. Dessa forma, ao mesmo tempo em que são apresentadas as referidas relações horizontais, a partir dos recortes

¹ No original: *If, on the one hand, each cross-section in a sequence aims at being a balanced geographical account, compounded of description and explanation, there will, of necessity, be much repetition and varying degrees of overlap as each cross-section ranges backwards to satisfy its own needs. If, on the other hand, each cross-section is limited strictly to its own contemporary materials, a valid criticism might be that the sequence constitutes a series of static pictures that ignores the process of becoming.*

temporais realizados, realiza-se uma análise dos processos que levaram às respectivas paisagens históricas.

Para uma análise desses processos, a regionalização utilizada deve levar em consideração aspectos históricos de diferenciação socioeconômica no território. Embora atualmente observe-se uma polarização entre o leste e oeste do Estado no que se refere ao dinamismo econômico e às taxas de crescimento populacional, não encontramos relações históricas que permitam uma regionalização com características socioeconômicas com base nessa polarização. Nesse sentido, neste texto, é utilizada, como aporte metodológico, a regionalização elaborada por Alonso e Bandeira (1990, p.76-77), que divide o território do Rio Grande do Sul entre:

- Norte agrícola das pequenas e médias propriedades, com produção diversificada, elemento que viria a desaparecer com a introdução da soja nos anos 1960 e 70, e com posterior crescimento industrial vinculado à produção primária;
- Nordeste industrializado, com grandes aglomerações urbanas e atividades agrícolas cada vez menos expressivas;
- Sul da pecuária e da grande propriedade, com um crescimento econômico lento, mesmo após a introdução da lavoura do arroz, responsável por relativa dinamização da economia.

Embora essa regionalização ignore algumas regiões de transição e outras com características específicas, como o litoral, apresenta-se como uma ferramenta útil para a análise das dinâmicas territoriais do Estado. Além disso, leva em conta aspectos históricos de formação da estrutura socioeconômica das regiões, podendo ser tomada como ponto de partida para transformações subsequentes.

ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL: CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO ANTERIOR A 1920

Um dos primeiros aspectos que merecem ser destacados é que o Rio Grande do Sul foi tardiamente integrado ao processo de ocupação do território brasileiro. Somente no final do século XVIII é que o Estado começou a se inserir de forma mais efetiva, mesmo assim de forma complementar, primeiramente através da estruturação das charqueadas, que abasteciam o mercado

do sudeste brasileiro (PESAVENTO, 1985)², aproveitando-se do gado disponível nas estâncias. Segundo Kühn (2004, p.69), as charqueadas foram estabelecidas em diversos locais do Rio Grande do Sul: próximas ao rio Jacuí, às lagoas dos Patos e Mirim, além das cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Jaguarão. Porém, devido a seu posicionamento estratégico, próximo ao porto de Rio Grande e aos rebanhos de gado, Pelotas passou a ser o grande centro charqueador gaúcho.

Dessa forma, apenas com o início da colonização europeia, a partir de 1824, e com o estabelecimento de uma rede de comercialização dos excedentes, é que foram criadas as condições necessárias para o surgimento da indústria gaúcha. De acordo com Pesavento (1985), ao longo dos anos, a indústria do estado se estruturou de três formas. A primeira, deu-se por meio da aplicação direta do capital comercial colonial, seja com a montagem de empresas ou como resultado da evolução da unidade artesanal familiar para a grande fábrica. Para Kühn (2004, p.92-93), essa transferência do capital comercial, acumulado a partir de 1845, para a indústria, ocorreu de 1870 em diante, permitindo investimentos em setores como cervejarias, fábricas de calçados, olarias, curtumes e construção naval. Ao contrário da industrialização de São Paulo, a acumulação se fez com capital proveniente do mercado interno, menos lucrativo, mas mais seguro.

Uma segunda forma se deu via estruturação de indústrias pelo chamado *burguês imigrante*, que havia migrado com capital e *expertise* para o gerenciamento dos negócios, como no caso da indústria têxtil em Rio Grande dos Rheingantz e da fábrica de doces e balas em Porto Alegre dos Neugebauer³. Uma terceira via de estruturação da indústria aconteceu pelo deslocamento do capital acumulado do sistema bancário para o financiamento de investimentos industriais.

As condições para o surgimento da indústria foram fortemente influenciadas pela colonização, que além do capital proporcionado pela geração de excedentes, forneceu também mão de obra especializada, matéria-prima e tecnologia, proporcionando o surgimento de um mercado consumidor para os produtos fabricados (LEMOS; CARGNIN, 2014). Entretanto, não deve ser desconsiderada a constituição de um outro núcleo junto ao município de Pelotas, originado da acumulação vinculada às atividades tradicionais da Campanha gaúcha, especialmente da pecuária.

Assim, de forma simplificada, pode-se dizer que, do ponto de vista espacial, a indústria gaúcha foi edificada a partir da capital do Estado, Porto Alegre, onde se concentravam os

² De acordo com Pesavento (1985, p.22), essa atividade, bem como o artesanato relacionado ao gado não podiam, entretanto, ser considerados como atividades industriais pois, apesar de direcionadas para o mercado consumidor do sudeste brasileiro e propiciarem acumulação de capital, eram realizadas com a utilização de trabalho escravo.

³ As fabrica de produtos têxteis Rheingantz foi inaugurada em 1873 pelo empreendedor de origem renana Carlos Guilherme Rheingantz, pelo Comendador Miguel Tito de Sá e pelo empresário alemão Hermann Vater. A fábrica da Neugebauer foi fundada em 1891 pelos irmãos de origem alemã Franz, Ernest e Max Neugebauer, além do sócio Fritz Gerhardt.

excedentes do comércio, e ao longo dos núcleos que se constituíram nas áreas coloniais, como nos municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul e arredores (LEMOS, CARGNIN, 2014). Mais ao sul, aproveitando-se da concentração gerada inicialmente pelas charqueadas e, posteriormente, pelas indústrias alimentícias e pelos efeitos irradiadores do Porto do Rio Grande, constituiu-se um núcleo nos municípios de Pelotas e Rio Grande (PESAVENTO, 1985, p.37). A agropecuária possuía ainda uma estrutura diversificada no Norte, onde predominava a pequena propriedade e muitas áreas ainda inexploradas, e centrada nos rebanhos de gado no Sul, com predominância da grande propriedade.

CARACTERÍSTICAS TERRITORIAIS DA ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO 1920-1980

No que se refere à economia do Rio Grande do Sul, observou-se, no período 1920-1980, uma concentração territorial da indústria cada vez maior em torno do eixo Porto Alegre- Caxias do Sul e a perda de participação econômica da região convencionalmente chamada Metade Sul do Estado. Esse processo decorreu da incapacidade dessa região de dinamizar sua economia, não conseguindo sustentar um crescimento industrial significativo e perdendo espaço em sua participação na agropecuária. Ao mesmo tempo, a região abrangida pelo planalto no norte do Estado ganhou importância, com o crescimento da produção agrícola e o desenvolvimento de uma indústria ligada ao setor primário.

Segundo os dados presentes no trabalho da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul* (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981 e 1984), observa-se que os ganhos de participação econômica das regiões Norte e Nordeste no período 1920-80 se deram, principalmente, em detrimento da participação da região Sul na agropecuária, no caso dos ganhos de Norte, e na indústria, no caso dos ganhos do Norte e do Nordeste, região esta que passou, em 1980, a ser responsável por cerca de metade da renda interna do Estado.

Apenas a partir do Censo de 1940, as estatísticas de valor da produção dos setores estão disponíveis para o Rio Grande do Sul. No período em questão, observa-se que a agropecuária perdeu espaço no que se refere à renda interna do Estado, enquanto a indústria aumentou sua participação de 19% em 1950 para 24,4% em 1980. No entanto, no que se refere à participação desses setores na economia brasileira, o Rio Grande do Sul teve aumentada sua participação na

agropecuária e diminuída na indústria, pois o Brasil apresentou um crescimento industrial médio maior em relação ao Estado.

No caso da agropecuária, o Norte apresentava, em 1940, 44% do valor da produção do Estado nesse setor. Em 1970, essa participação chegou a 55,66%, diminuindo para 51,65% em 1975. Já o Sul teve sua participação diminuída de 39,11%, em 1940, para 31,33%, em 1970, até alcançar 35,64% em 1975. No que se refere à indústria, a região Nordeste possuía participação de 47,75% em 1940, alcançando, em 1975, 64,70%. Esse crescimento se deu em detrimento da região Sul, que, em 1940, possuía participação de 34,57%, restringindo-se a 18,24% em 1975. Sendo assim, as regiões Norte e Nordeste tiveram crescimento econômico no período 1940-1975 em detrimento da região Sul, que perde cada vez mais espaço na economia gaúcha.

A dinâmica demográfica do Estado ao longo destes 60 anos também nos mostra uma participação crescente das populações das regiões Norte e Nordeste. Em 1920, como exemplo, a região Sul detinha 41% da população total do estado, enquanto as regiões Norte e Nordeste dividiam os 59% restantes. Em 1980, a região Sul contribuía com apenas 26%, ficando a Norte e a Nordeste com 33% e 40%, respectivamente.

Observamos que a região Norte apresentou, no período 1920-1940, a maior taxa de crescimento populacional, com 3,3% ao ano em média. Em segundo, a região Nordeste com 1,7% e, por fim, a região Sul com 1,4% ao ano. Essa supremacia em relações as outras regiões havia ocorrido também na última década do século XIX, quando a região Norte apresentou uma taxa de 4,2% ao ano, contra 3,8% e 3,1% das regiões Nordeste e Sul. Segundo Bandeira:

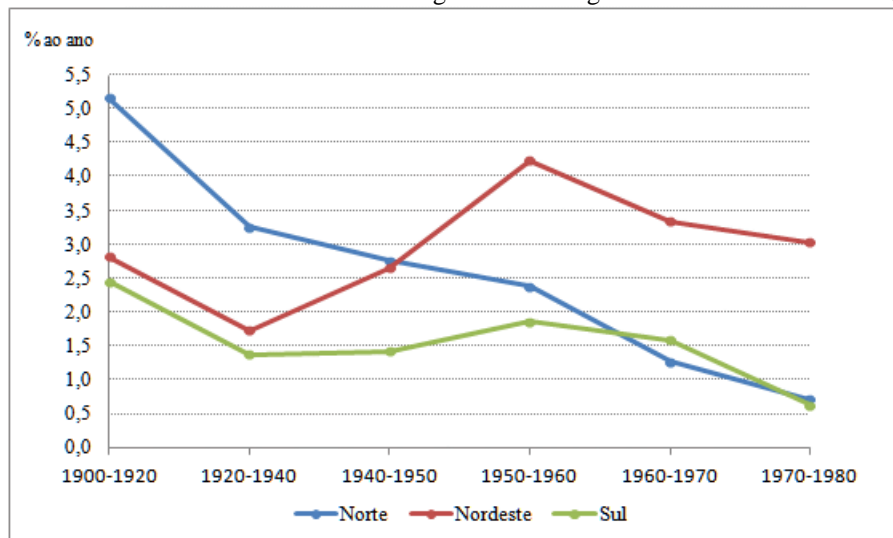
A continuidade da imigração oriunda do Exterior foi, portanto, um dos fatores que contribuiu para fazer com que o crescimento demográfico nas Regiões Norte e Nordeste fosse maior do que na Sul, principalmente nas primeiras décadas do período a que se referem os dados aqui analisados. Outro fator que pode ter contribuído para o maior crescimento demográfico na Norte e na Nordeste é a existência de um padrão de fecundidade diferenciado entre essas regiões e a Sul (BANDEIRA, 1994, p.12).

Entre as décadas de 1940 e 1960, a região Norte iniciou um processo de redução de crescimento de sua população, apresentando taxas de 2,8% entre 1940-1950 e 2,4% entre 1950-1960. As regiões Nordeste e Sul continuavam apresentando taxas em crescimento, a Sul com incremento mais discreto (1,4% entre 1940 e 1950 e 1,9% entre 1950 e 1960) e a Nordeste com incremento mais acentuado (2,6% e 4,2%).

A partir da década de 60, o Rio Grande do Sul experimentou um processo de queda nas suas taxas de crescimento, causado principalmente pela queda da fecundidade e pela migração para

outros estados. Todas as regiões, portanto, apresentam queda no crescimento demográfico, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 - Taxa média anual de crescimento demográfico das Regiões do Rio Grande do Sul (1920-1980)



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981 e 1984)

Evidencia-se simultaneamente, nesses anos, um intenso processo de urbanização e uma queda absoluta da população rural. Em 1920, a população rural no Estado representava 76 % da população total, enquanto que em 1980 este valor se encontrava em apenas 32%. Nas três regiões, esses valores variam de 67,5% para 12,9% na região Nordeste, 92,2% para 55,8% na região Norte e 69,4% para 32,7% na região Sul.

CARACTERÍSTICAS TERRITORIAIS DA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO 1920-1980

No que se refere à agropecuária, a regionalização supracitada desenvolvida por Alonso e Bandeira (1990) demonstra satisfatoriamente as transformações territoriais da economia do Estado. Os dados agropecuários apresentam maiores variações em relação à Indústria devido à dependência desse tipo de produção em relação às condições climáticas. Contudo, na análise regional, observa-se a perda de participação do valor da produção do Sul, mas nesse caso em benefício do Norte. A liderança da região Norte se configurou entre os anos 1940 e 1950, mas até 1970, a distância entre o valor da produção da agropecuária nas duas regiões só aumenta. Ao mesmo tempo, dentro do setor, a pecuária perdeu importância nas duas regiões, com a produção da lavoura assumindo a liderança. No Sul, o crescimento da lavoura coincidiu com a expansão da cultura do arroz.

No Sul, a lavoura aumentou sua participação na agropecuária de 20,50% do valor da produção, em 1940, para 45% do total da região em 1980, principalmente a partir do desenvolvimento da lavoura mecanizada do arroz. Na pecuária, a fazenda de criação completou o *cercamento* dos campos e introduziu alguma tecnologia nos métodos criatórios, o que provocou êxodo rural em direção às cidades, que não possuíam desenvolvimento industrial suficiente para absorver essa mão de obra (PESAVENTO, 1982, p.116). Embora tenham ocorrido essas inovações, o latifúndio pecuarista ainda apresentava baixíssima rentabilidade, com muitas áreas improdutivas, o que se refletiu no aumento da participação da lavoura.

Também é importante afirmar que, conforme Bandeira (1994, p.22), nas áreas mais distantes do Sul, a precariedade dos transportes e das comunicações contribuiu para favorecer a predominância da pecuária, pois uma das características mais salientes de seus produtos é a capacidade de se deslocarem até o mercado. Nesse sentido, melhorias na infraestrutura facilitaram o avanço da lavoura, principalmente, do arroz.

A introdução de lavouras mecanizadas de exportação, como a soja, ou de abastecimento do mercado interno, como o trigo e o milho, em substituição à policultura (ALONSO; BANDEIRA, 1990, p.85), também explicam o aumento de produtividade da região Norte do Rio Grande do Sul no período. Bell aponta sinais do futuro predomínio do Norte do Estado na produção agropecuária já em 1920:

Sinais da emergência do Rio Grande do Sul como um celeiro para o resto do Brasil já eram evidentes em uma série de começos nacionais. O Rio Grande do Sul produzia quase todo o trigo do país. Abrangia municípios que produziam a maior parte do milho e fumo. Encabeçava as listas de número de arados e tratores no país. Entretanto, por volta de 1920, a diversificação do uso do solo na Campanha ainda desempenhava um papel muito tênue na emergência da agricultura comercial. A maior parte do dinamismo agrícola seria encontrada nas zonas coloniais da metade norte do estado. A contribuição de áreas de povoamento muito recente foi impressionante, especialmente as partes do Planalto servidas pela ferrovia Santa Maria-São Paulo (BELL, 1998, p.193).⁴

Sendo assim, por volta de 1920, se configuram algumas culturas no Norte do Estado que apresentam maior demanda em comparação à produção agropecuária do Sul, como milho, fumo e trigo. Além disso, o escoamento da produção era facilitado pelas condições de transporte no Norte

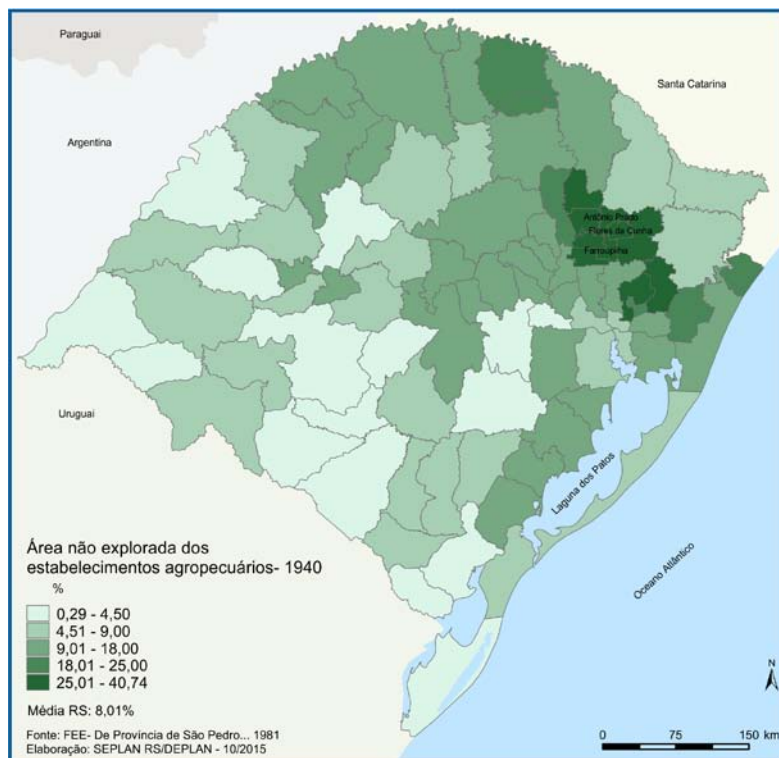
⁴ No original: *Signs of the emergence of Rio Grande do Sul as a larder for the whole of Brazil were already evident in a string of national firsts. Rio Grande do Sul produced almost all of the country's wheat. It contained the counties producing the most maize and tobacco. It headed the lists for the numbers of plows and tractors in the country. However, by 1920 land-use diversification in the Campanha had still played only a very slender role in the emergence of this commercial agriculture. Most of the agricultural dynamism was to be found in the colonial zones of the northern half of the state. The contribution of areas of very recent settlement was striking, especially those parts of the Planalto served by the Santa Maria-São Paulo railway.*

do Rio Grande do Sul, servido pela ferrovia que ia de Santa Maria a São Paulo. Esse aumento da produtividade, também decorrente da introdução de culturas de exportação, impulsiona posteriormente uma industrialização ligada à produção primária, seja ligada à agroindústria, seja ligada ao segmento de máquinas e implementos agrícolas.

Ao mesmo tempo, ocorreu a crise do minifúndio colonial na região, pois o alto índice de nascimentos entre os pequenos proprietários conjugava-se ao esgotamento do solo e escassez de terras (PESAVENTO, 1982, p.116). A chamada *enxamagem*, caracterizada pela migração dos descendentes dos produtores para novas áreas, chegava a seu limite no Estado, decorrendo na migração de populações rurais para outros estados brasileiros.

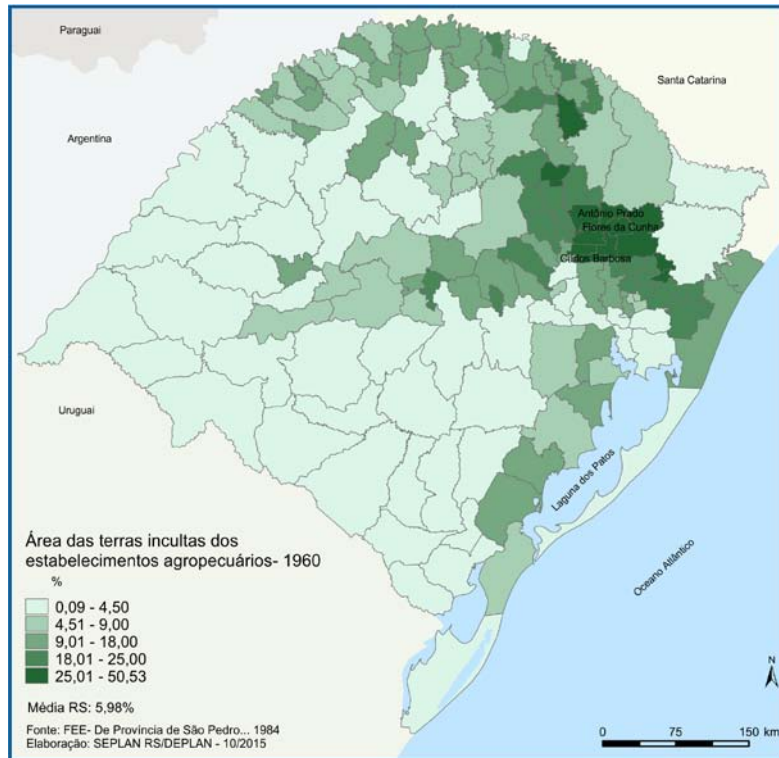
As Figuras 2, 3, 4 e 5 demonstram a expansão da fronteira agrícola no período 1940-1970, principalmente no Norte do estado, de exploração mais recente em relação ao Sul. Observa-se uma diminuição das áreas inexploradas dos estabelecimentos agropecuários no período 1940-60, enquanto no período 1960-70 ocorreu uma diminuição substancial das áreas de matas nesses estabelecimentos. Esse último período coincidiu com a expansão da soja e de outras culturas de exportação no Norte do Rio Grande do Sul, que se prolonga até a metade da década de 1970. É importante afirmar que esse processo de expansão da fronteira agrícola também ocorreu no período anterior a 1940, não estando disponíveis, no entanto, dados dos censos do referido período.

Figura 2 - Área não explorada dos estabelecimentos agropecuários- 1940



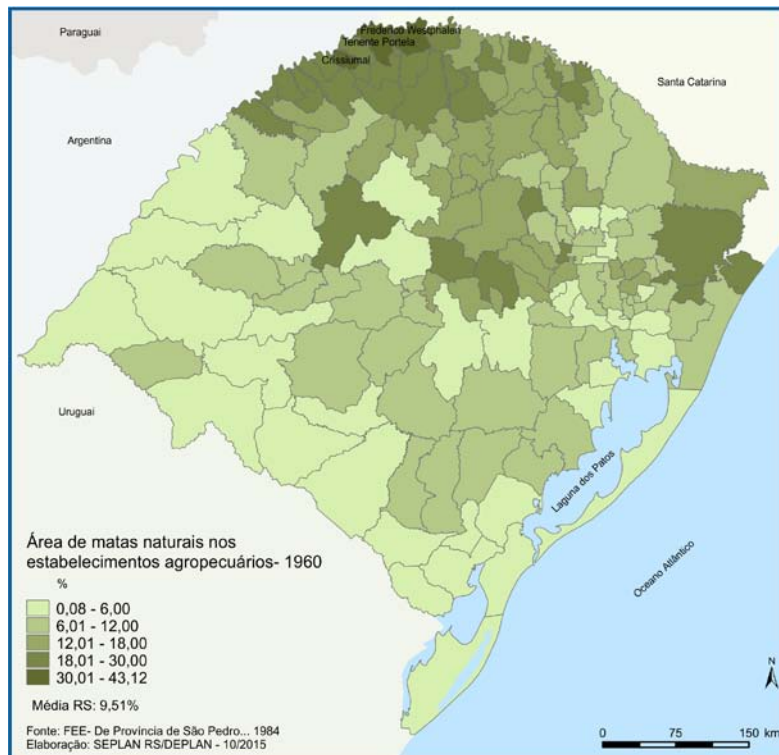
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

Figura 3 - Área de terras incultas dos estabelecimentos agropecuários- 1960



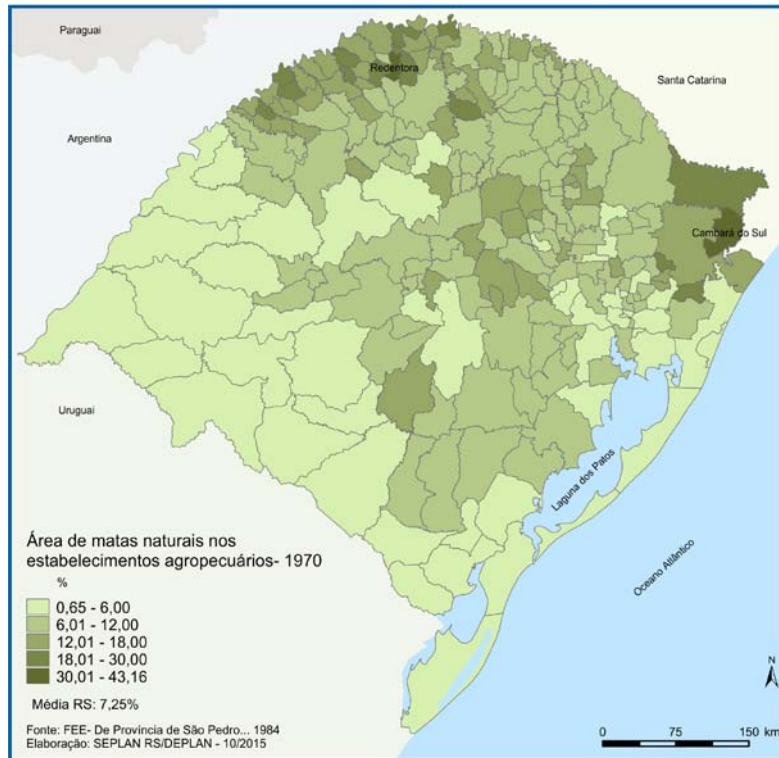
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

Figura 4 - Área de matas naturais nos estabelecimentos agropecuários- 1960



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

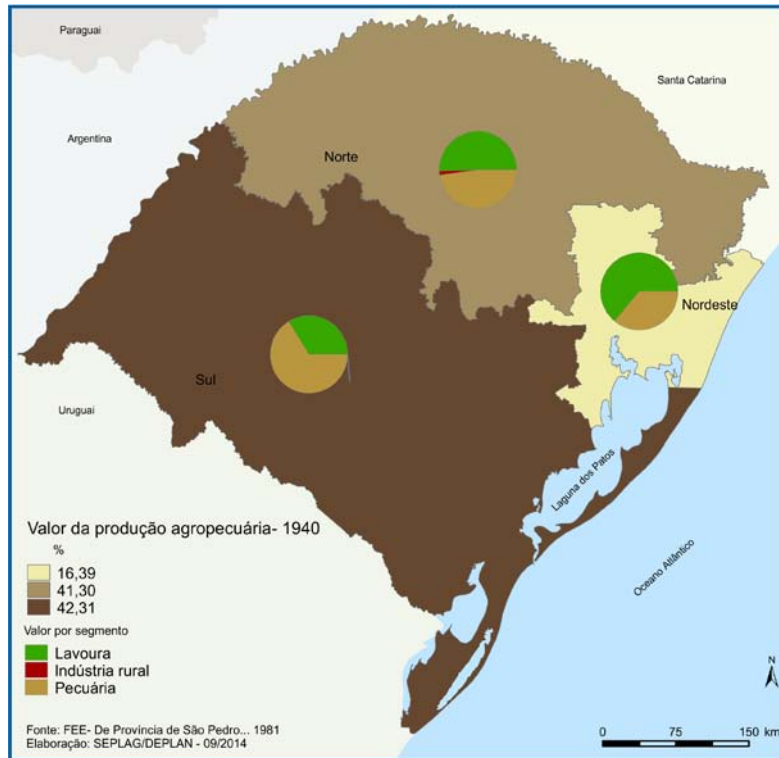
Figura 5 - Área de matas naturais nos estabelecimentos agropecuários- 1970



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

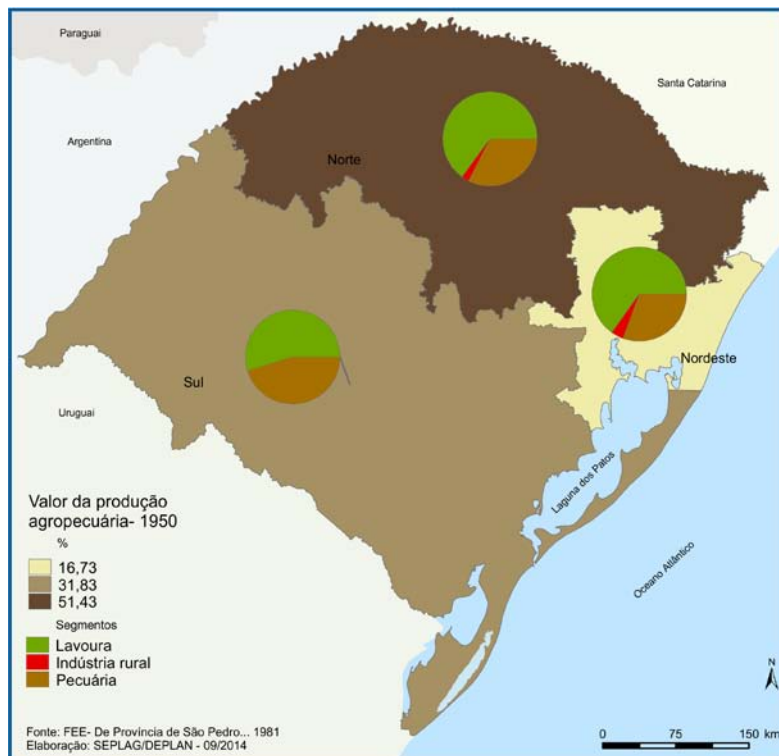
As figuras 6, 7, 8 e 9 demonstram o valor da produção agropecuária para as regiões Norte, Nordeste e Sul entre os anos 1940-1980, incluindo lavoura, indústria rural e pecuária. Chamam a atenção o crescimento do valor da produção agropecuária do Norte no período 1940-50 e o crescimento do valor da produção da agricultura em detrimento da pecuária no Norte e no Sul.

Figura 6 - Valor da produção agropecuária- 1940



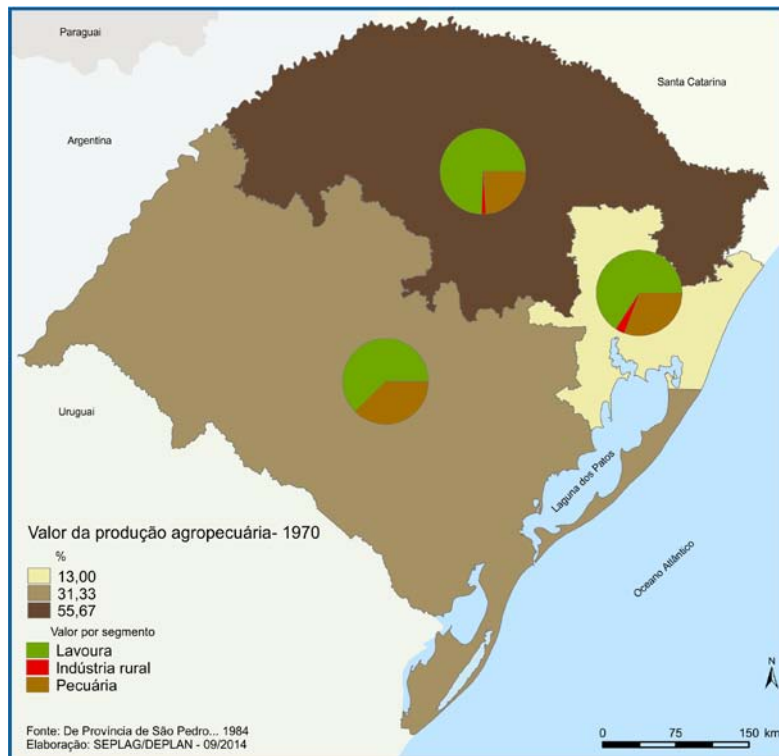
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

Figura 7 - Valor da produção agropecuária- 1950



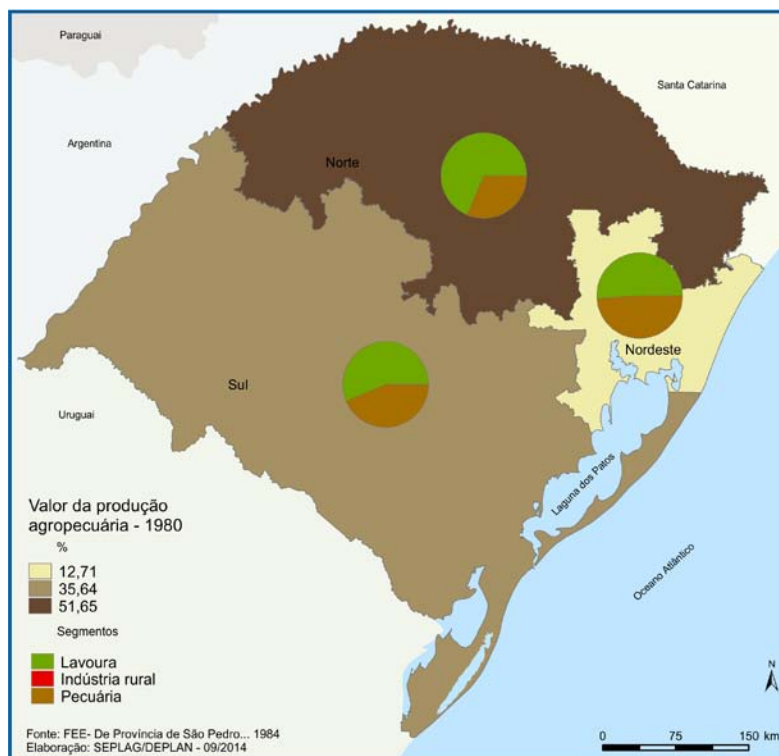
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

Figura 8 - Valor da produção agropecuária- 1970



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

Figura 9 - Valor da produção agropecuária- 1980



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

CARACTERÍSTICAS TERRITORIAIS DA INDÚSTRIA DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO 1920-1980

No que se refere à indústria, por volta de 1940, segundo Pesavento (1985, p.80), apesar de disseminada por todo o Estado, passava a concentrar as grandes empresas nos centros urbanos maiores, tendendo a uma especialização dos ramos por município. É o caso da indústria de couro e calçados em São Leopoldo e Novo Hamburgo, da indústria de alimentação em Rio Grande e Pelotas e da indústria metalúrgica e de alimentação em Caxias do Sul.

No início do processo de industrialização do Estado, devido ao relativo isolamento das diferentes regiões, com as deficiências dos transportes e as grandes distâncias, a concentração industrial era menor, com uma significativa produção de bens não-duráveis, principalmente ligados ao setor primário, pelas indústrias locais. As décadas de 1930 e 1940 aumentaram a participação da indústria na economia do Rio Grande do Sul, embora não tenha sido suficiente para substituir o setor primário como prioritário.

A partir de 1955, com o desenvolvimento industrial brasileiro orientado para a produção de bens de capital e semiduráveis, na nova fase do processo de substituição de importações, acentuou-se a defasagem do parque industrial gaúcho em relação ao centro dinâmico do país (PESAVENTO, 1985, p.100). Esse processo já vinha ocorrendo desde a década de 1930, quando, como forma de restringir as importações em um contexto de crise econômica mundial, o governo de Vargas iniciou um processo de integração do mercado interno brasileiro, através do incentivo ao intercâmbio comercial entre as diferentes regiões brasileiras, o que acabou por beneficiar o Estado mais industrializado do país: São Paulo.

Targa (1988) diferencia três fases no processo de integração do mercado interno brasileiro: entre 1889 e 1930, prevaleciam os mercados industriais regionais, com a autonomia política dos estados; entre 1930 e 1960, ocorreu uma sobrevida dos mercados regionais, quando as condições para o prosseguimento da industrialização ainda não estavam reunidas; por fim, após 1960, ocorre a integração do mercado interno brasileiro, eliminando o tipo de acumulação capitalista que existia no Rio Grande do Sul, destruída pela concorrência com o tipo predominante em São Paulo, menos frágil e mais concentrada.

O Rio Grande do Sul ficou a margem das inovações do período Juscelino Kubitschek (1955-60), responsável por um crescimento acentuado da indústria do Brasil. A subordinação da economia do Rio Grande do Sul à do centro do país, no entanto, não ocorreu como resultado de uma política

que buscava privilegiar a última, mas sim como decorrência de uma política que buscava dar prosseguimento ao estilo de crescimento econômico em curso na economia brasileira, operando discriminadamente em relação aos segmentos de capital, cujos escolhidos estavam mais representados em algumas regiões (ALMEIDA; LIMA, 1983, p.164). A indústria do Rio Grande do Sul, com uma base mais tradicional em relação ao resto do país, perdia, assim, espaço na economia nacional, embora tenha ocorrido uma modernização relativa desse setor.

Segundo Pesavento (1985), nesse período, teria sido reforçada a função do Rio Grande do Sul como fornecedor de produtos agropecuários e industriais ligados à produção primária. O Censo de 1960 indicava a concentração da produção industrial do Estado em poucos ramos, como os de alimentos, químico e farmacêutico, vestuário, calçados e metalurgia, que perfaziam cerca de 50% do valor do setor secundário gaúcho (PESAVENTO, 1985, p.98). Para a autora, a indústria tradicional se consolidava no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que o Brasil modernizava o seu parque industrial. Esse processo teria gerado a deterioração das relações de troca do Estado com o resto do país, forjando-se a descapitalização da região (PESAVENTO, 1985, p.101). Essas características teriam predominado até a década de 1980, quando segmentos mais dinâmicos, ligados a bens intermediários, passam a ocupar mais espaço.

Segundo Passos e Lima (1992, p.497), em 1959, as indústrias produtoras de bens de produção e bens duráveis de consumo eram responsáveis por cerca de 56% da produção industrial do Estado, elevando sua participação a aproximadamente 70% em 1985. Por outro lado, as indústrias de bens não duráveis perderam importância na produção industrial do Estado no período. Os autores, ao contrário de Pesavento (1985), indicam que a indústria do Rio Grande do Sul teria reagido bem ao padrão de crescimento industrial do país a partir do final da década de 1950, principalmente com a consolidação dos ramos metal-mecânico e químico, ocorrendo, no entanto, uma adaptação a esse padrão em um lapso de tempo maior e com uma certa defasagem em relação às transformações ocorridas no centro do país.

É importante afirmar que a concentração da produção industrial na região Nordeste do estado se deu principalmente a partir desse período, pois as indústrias mais dinâmicas, com maior potencial de adaptação ao novo processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro, estavam nessa região. A expansão da malha rodoviária brasileira também contribuiu para desarticular a indústria do Sul do Estado a partir da chegada de produtos da área metropolitana de Porto Alegre e do centro do país (SCHÄFFER, 1993, p.49). Grande parte da produção da indústria do Sul do Estado, principalmente a localizada em regiões fronteiriças, era anteriormente escoada a partir do

porto de Montevideu, devido a vantagens decorrentes do sistema ferroviário uruguaio. Com a melhora da infraestrutura de transportes na região Sul, essa produção fronteiriça passou a ser escoada a partir do porto de Rio Grande e das rodovias que ligavam a região Sul ao resto do país.

Coincidindo com a expansão das rodovias, a crise do latifúndio do Sul, com pouca rentabilidade, impediu a dinamização da região. Para Bandeira (1994, p.29), outro fator que contribuiu para inviabilizar empreendimentos industriais na região é a pequena dimensão do mercado regional, principalmente, a partir da perda de competitividade em relação às indústrias da região de Porto Alegre e do centro do país. Nessa linha, Alonso (1994, p.69) aponta para a pouca diversificação da economia regional, voltada quase que exclusivamente para a exportação, o que, associado ao reduzido tamanho do mercado regional, contribuiu para o pequeno volume de economias de aglomeração. A excessiva concentração da propriedade da terra, com elevada concentração de renda, foi fundamental para a não formação de um mercado capaz de consumir suficientemente os produtos não só da Indústria, como também da Agropecuária regionais (ALONSO, 1994, p.61).

Por outro lado, a melhora da infraestrutura de transportes, energia e comunicações, aliada à explosiva expansão das culturas de trigo e soja, favoreceu o crescimento rápido de empresas que atuavam na produção de implementos agrícolas simples no Norte do Rio Grande do Sul, região que se adaptou melhor à nova conjuntura de maior integração do território nacional.

Além da melhora da infraestrutura, outros fatores importantes, apontados por Alonso e Bandeira (1990, p.78-79), contribuíram para a diferenciação inter-regional no Rio Grande do Sul, como a aceleração do crescimento industrial, que beneficiou as regiões que já tinham um parque industrial consolidado e diversificado; a expansão das lavouras mecanizadas em áreas anteriormente ocupadas pela pecuária extensiva e pela policultura colonial, dinamizando algumas áreas do Sul e grande parte do Norte; e a urbanização acelerada acontecida no período, o que possibilitou o surgimento de economias de aglomeração nas regiões mais urbanizadas, atraindo indústrias.

Como exemplos da desarticulação da indústria local no Sul do Estado, em 1940, os municípios de Rio Grande, Pelotas, Santana do Livramento e Bagé possuíam considerável importância no valor da produção industrial do Rio Grande do Sul, com, respectivamente, 11,72%, 5,58%, 5,53% e 2,17% do total. Em 1960, essas participações haviam regredido a, respectivamente,

7,81, 7,08%, 1,35% e 1,32%. Em 1970, esses municípios haviam perdido ainda mais participação na indústria do estado, restringindo-se a, respectivamente, 3,42%, 4,85%, 1,15% e 0,99%⁵.

Por outro lado, os municípios de Canoas, emancipado em 1939, e Caxias do Sul viram sua importância na indústria aumentar continuamente. Em 1940, Canoas apresentava 1,65% do total da produção industrial do Estado. Aproximadamente, entre 1960 e 1980, ocorreu o que Alonso e Bandeira (1990, p.82) identificaram na Região Metropolitana do Porto Alegre como um processo de *desconcentração concentrada*⁶, para o que contribuíram os efeitos das *deseconomias de aglomeração*⁷, como o aumento do preço da terra e a elevação dos custos derivada da aglomeração excessiva em Porto Alegre. Esse processo gerou a perda de importância industrial do município em benefício de outros da Região Metropolitana de Porto Alegre. Canoas, no período 1960-75, teve um crescimento substancial de 3,2% para 12,72% do total da produção industrial do Rio Grande do Sul. Esse aumento se deu em detrimento, principalmente, de Porto Alegre, que teve sua participação diminuída de 24,08% em 1960 para 17,49% em 1975⁸. Caxias do Sul também teve um aumento contínuo de participação no período entre 1940 e 1975, de 3,67% para 7,45%, indicando que o processo de *desconcentração concentrada* pode ter se espalhado em direção à região da Serra. A Tabela 1 demonstra os quinze principais municípios do Rio Grande do Sul no que se refere ao valor da produção industrial no período 1940- 1975.

⁵ Embora os dados não tenham em conta as emancipações ocorridas nos municípios no período, os municípios em questão não foram significativamente afetados por esse processo.

⁶ O conceito de *desconcentração concentrada* foi introduzido em estudos realizados no plano nacional por Azzoni (1986) e avançou através de análises posteriores. No Rio Grande do Sul, em estudos realizados no início da década de 90, Alonso e Bandeira (1990) aplicaram o conceito ao analisarem a expansão industrial da Região Metropolitana de Porto Alegre, a partir das melhorias de transporte e comunicação, possibilitando a "ampliação do campo aglomerativo".

⁷ O conceito de *economias de aglomeração* foi formulado pelo economista inglês Alfred Marshall (1842-1924), e se refere a externalidades às empresas que favorecem sua aglomeração em determinadas regiões, como o acesso à mão de obra qualificada, à matéria-prima e as trocas de conhecimento entre essas empresas. O conceito de *deseconomias de aglomeração* está ligado a um processo de desconcentração dessas empresas a partir de fatores ligados à aglomeração excessiva, constituindo externalidades negativas, como o aumento do preço dos terrenos, as dificuldades de mobilidade e questões ambientais, como a poluição. Um exemplo desse processo é a Região Metropolitana de São Paulo que, a partir da década de 1970, começa a perder participação na produção industrial do país devido às *deseconomias de aglomeração* presentes na região.

⁸ É importante afirmar que a participação interna de Porto Alegre na renda total aumentou no período de 17,57% em 1939 para 22,08% em 1980 (ALONSO; BANDEIRA, 1988, p.07). Isso decorreu do fato de as perdas na produção industrial terem sido compensadas por ganhos no setor terciário. A perda de participação na indústria também não significou a diminuição da importância de Porto Alegre, pois a metrópole ainda possui atividades, como as administrativas, as ligadas ao capital financeiro e ao fluxo de informações, que a conferem liderança na hierarquia de cidades do Estado.

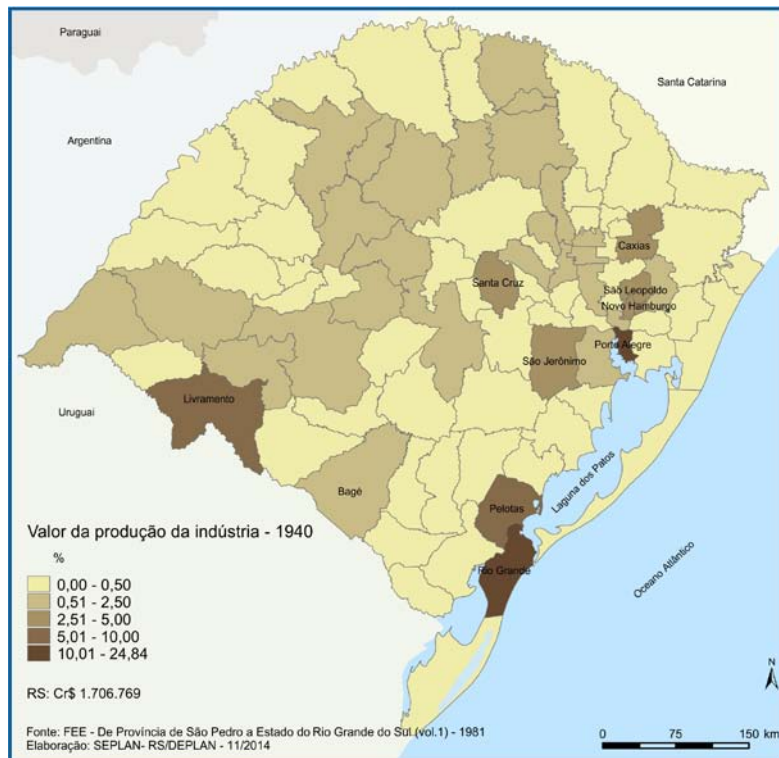
Tabela 1: Participação dos municípios no Valor da Produção da Indústria no período 1940-1980 (quinze principais)

1940		1950		1960		1970		1975	
Município	%	Município	%	Município	%	Município	%	Município	%
Porto Alegre	24,84	Porto Alegre	22,94	Porto Alegre	24,08	Porto Alegre	21,45	Porto Alegre	17,49
Rio Grande	11,72	Pelotas	8,27	Rio Grande	7,81	Canoas	8,86	Canoas	12,72
Pelotas	5,58	Rio Grande	7,49	Pelotas	7,08	Caxias do Sul	6,12	Caxias do Sul	7,45
Santana do Livramento	5,53	Caxias	4,47	Caxias do Sul	4,50	Sapucaia do Sul	4,87	Pelotas	4,88
Caxias do Sul	3,67	São Leopoldo	4,34	Novo Hamburgo	4,28	Pelotas	4,85	Rio Grande	4,88
São Leopoldo	3,51	Novo Hamburgo	3,40	Canoas	3,20	Novo Hamburgo	4,10	Novo Hamburgo	3,70
Novo Hamburgo	3,39	Santa Cruz do Sul	2,98	São Leopoldo	2,69	Rio Grande	3,42	Sapucaia	3,52
Santa Cruz	2,97	Santana do Livramento	2,52	Esteio	2,11	Esteio	2,81	Esteio	3,37
São Jerônimo	2,74	Passo Fundo	2,08	Santa Cruz do Sul	2,03	Bento Gonçalves	1,82	Guaíba	2,53
Bagé	2,17	Canoas	2,06	Passo Fundo	1,96	São Leopoldo	1,81	Bento Gonçalves	1,96
Cachoeira do Sul	1,79	Erechim	2,06	Ijuí	1,45	Santa Cruz do Sul	1,49	Santa Cruz do Sul	1,90
Passo Fundo	1,79	São Jerônimo	1,94	Santana do Livramento	1,35	Santa Rosa	1,49	São Leopoldo	1,82
Uruguaiana	1,67	Bagé	1,86	Bagé	1,32	Guaíba	1,41	Lajeado	1,35
Canoas	1,65	Cachoeira do Sul	1,84	Erechim	1,20	Lajeado	1,24	Santa Rosa	1,11
Rosário do Sul	1,65	Cruz Alta	1,39	Bento Gonçalves	1,20	Santana do Livramento	1,15	Santana do Livramento	1,08

Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981 e 1984)

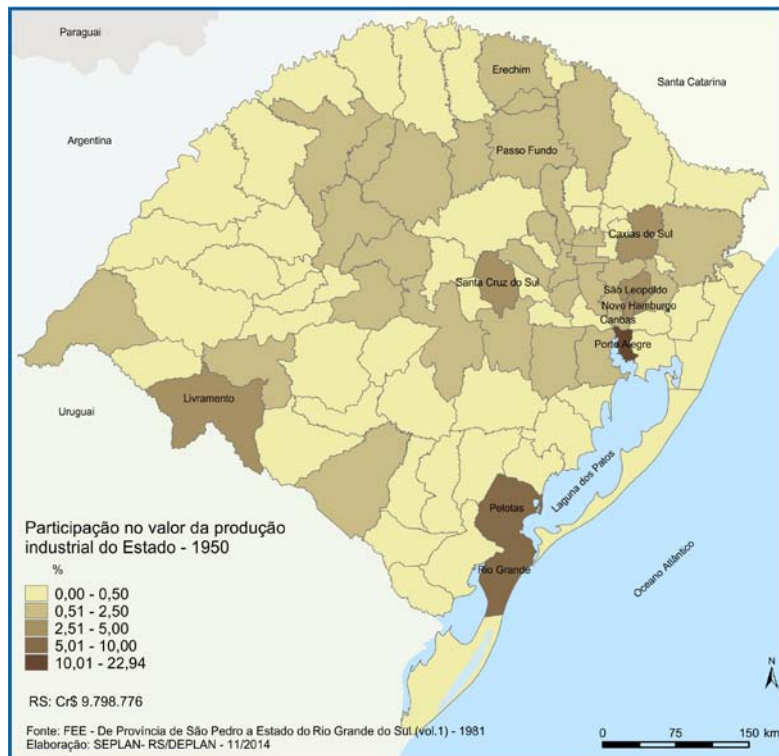
Os processos concomitantes de perda de importância do valor da produção industrial dos municípios do Sul do Estado e ganhos relativos da região Nordeste, exceto por Porto Alegre, que vê sua importância diminuir no período 1960-1975, estão demonstrados nas figuras 10, 11 e 12 que indicam a participação dos municípios no valor da produção industrial do Rio Grande do Sul no período 1940- 80:

Figura 10: Valor da produção da Indústria, por município - 1940



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

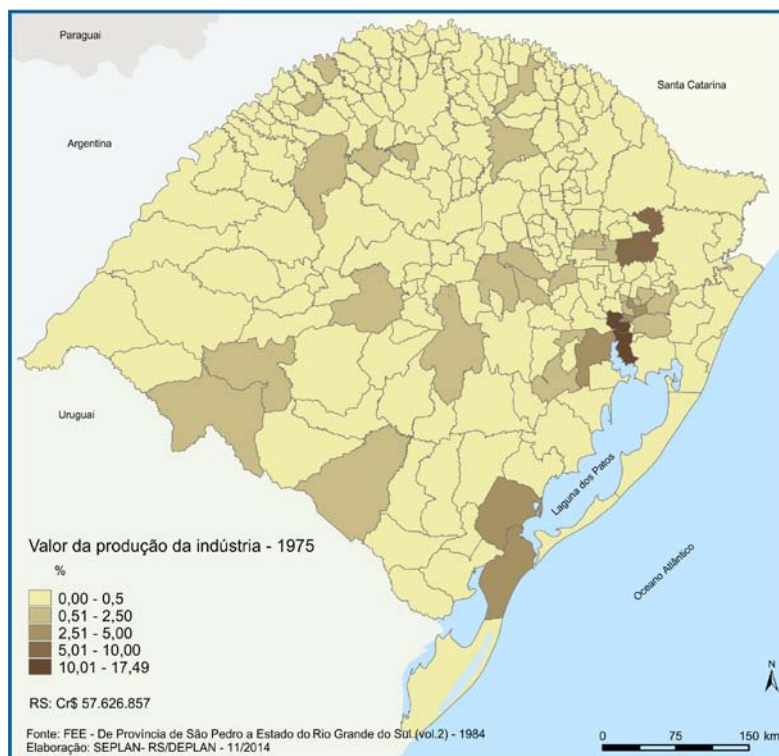
Figura 11: Valor da produção da Indústria, por município- 1950



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

27

Figura 12: Valor da produção da Indústria- 1975



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

Os mesmos processos de ganho de participação industrial do Nordeste e de relativa perda do Sul do Estado e do município Porto Alegre também podem ser identificados a partir da análise do pessoal ocupado na indústria no período 1920-80. Os municípios do Sul possuíam participação importante no pessoal ocupado na indústria do Rio Grande Sul. Como exemplo, em 1920, os municípios de Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, Bagé, Uruguaiana, Santana do Livramento e Alegrete possuíam, conjuntamente, 29,68% do total. Em 1975, essa participação se resumia a 10,01%. Porto Alegre também apresentou diminuição substancial, possuindo 24,65% do total em 1920 e 19,84% em 1975. Por outro lado, Caxias do Sul, que possuía 1,88% do total em 1920, em 1975, apresentava 9,11%. A Tabela 2 demonstra a participação dos municípios do Rio Grande do Sul no total do pessoal ocupado na Indústria estadual no período 1920-1980:

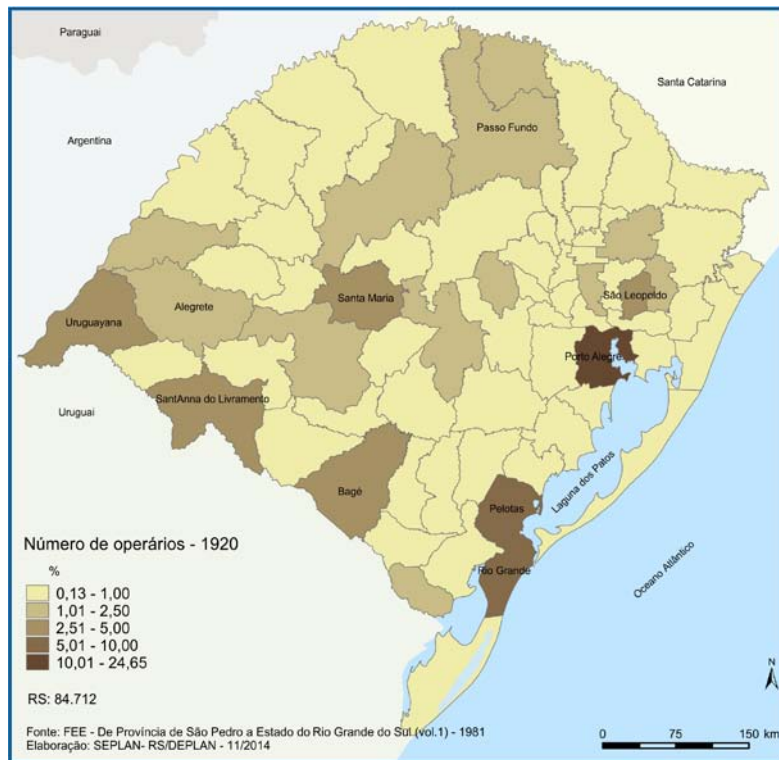
Tabela 2: Participação dos municípios do Rio Grande do Sul no total do pessoal ocupado na Indústria estadual no período 1920-1980 (quinze principais)

1920		1940		1950		1960		1970		1975	
Município	%	Município	%	Município	%	Município	%	Município	%	Município	%
Porto Alegre	24,65	Porto Alegre	25,02	Porto Alegre	21,91	Porto Alegre	25,73	Porto Alegre	22,81	Porto Alegre	19,84
Rio Grande	7,73	Rio Grande	8,52	São Leopoldo	6,63	Novo Hamburgo	7,35	Novo Hamburgo	7,73	Caxias do Sul	9,11
Pelotas	7,58	São Jerônimo	5,46	Caxias do Sul	6,08	Caxias do Sul	5,51	Caxias do Sul	6,65	Novo Hamburgo	7,74
São Leopoldo	3,66	Pelotas	5,03	Novo Hamburgo	5,56	Pelotas	4,86	Pelotas	3,51	Pelotas	4,75
Santa Maria	3,26	São Leopoldo	4,92	Pelotas	5,29	Rio Grande	4,65	Canoas	3,34	Canoas	3,62
Bagé	3,23	Novo Hamburgo	4,32	Rio Grande	5,22	São Leopoldo	4,15	São Leopoldo	3,28	São Leopoldo	3,02
Uruguaiana	2,81	Caxias do Sul	4,06	São Jerônimo	3,37	São Jerônimo	1,92	Sapucaia	2,53	Campo Bom	2,31
Santana do Livramento	2,67	Passo Fundo	2,78	Passo Fundo	2,18	Santa Cruz do Sul	1,71	Rio Grande	2,29	Sapiranga	2,25
Passo Fundo	2,40	Carazinho	2,03	Santa Cruz do Sul	1,97	Canoas	1,66	Campo Bom	2,20	Rio Grande	2,25
Alegrete	2,40	Santa Maria	1,66	Erechim	1,93	Campo Bom	1,43	Sapiranga	1,85	Sapucaia do Sul	1,93
Caxias do Sul	1,88	Montenegro	1,63	Taquara	1,76	Passo Fundo	1,33	Santa Cruz do Sul	1,42	Bento Gonçalves	1,80
Cachoeira do Sul	1,77	Santa Cruz do Sul	1,56	Carazinho	1,71	Ijuí	1,27	Bento Gonçalves	1,39	Santa Cruz do Sul	1,72
São Gabriel	1,69	José Bonifácio (Erechim)	1,37	Lagoa Vermelha	1,69	Taquara	1,26	Guaíba	1,31	Farroupilha	1,43
Cruz Alta	1,65	Canoas	1,33	Montenegro	1,69	Bento Gonçalves	1,16	Esteio	1,31	Guaíba	1,40
Santa Cruz do Sul	1,27	Bagé	1,30	Canoas	1,60	Erechim	1,16	Santana do Livramento	1,21	Esteio	1,13

Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981 e 1984)

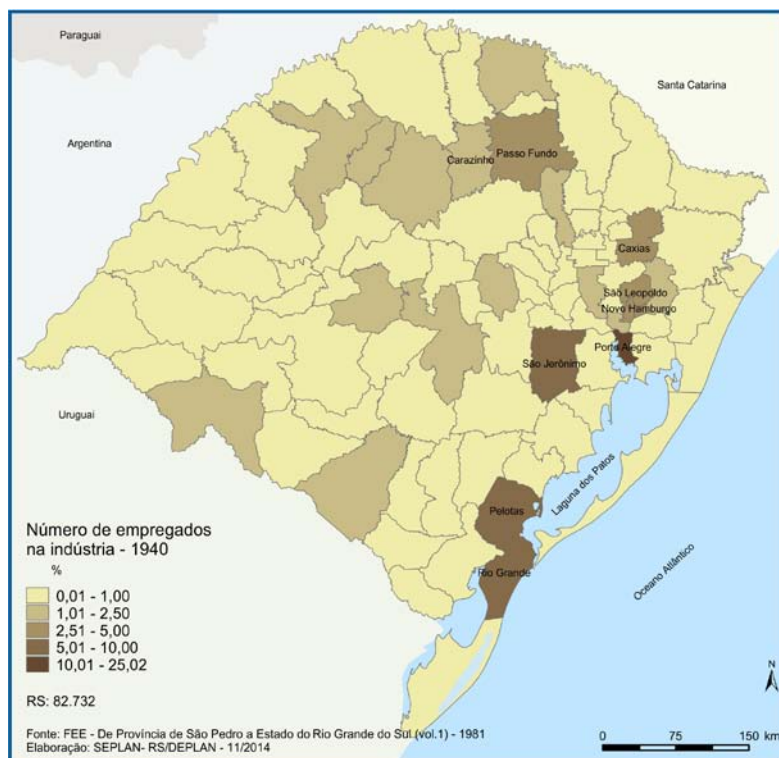
Esses dados estão espacializados nas figuras 13, 14, 15 e 16 que demonstram a participação dos municípios no número de empregados na indústria do Rio Grande do Sul no período 1920- 80:

Figura 13: Número de operários, por município- 1920



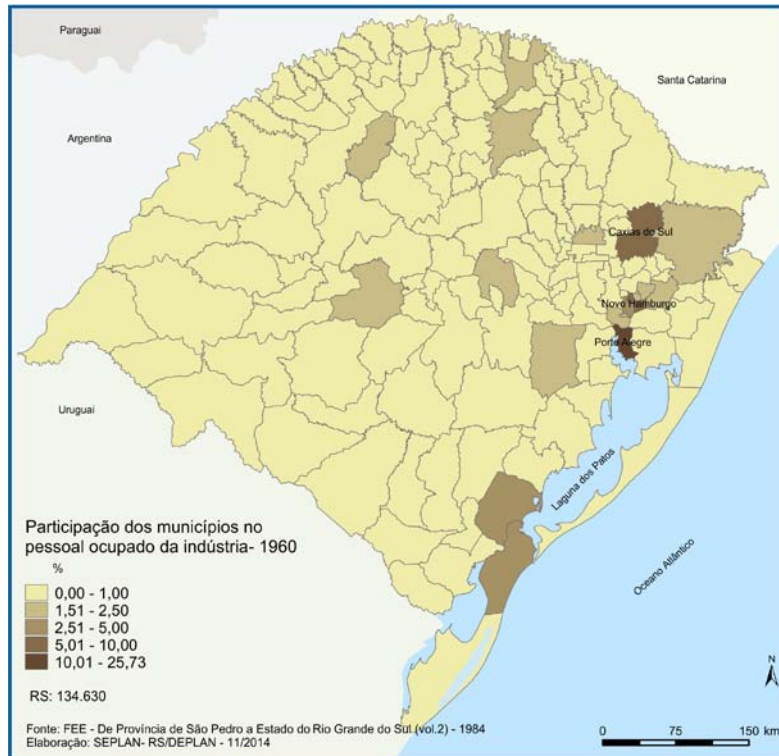
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

Figura 14: Número de empregados na Indústria, por município- 1940



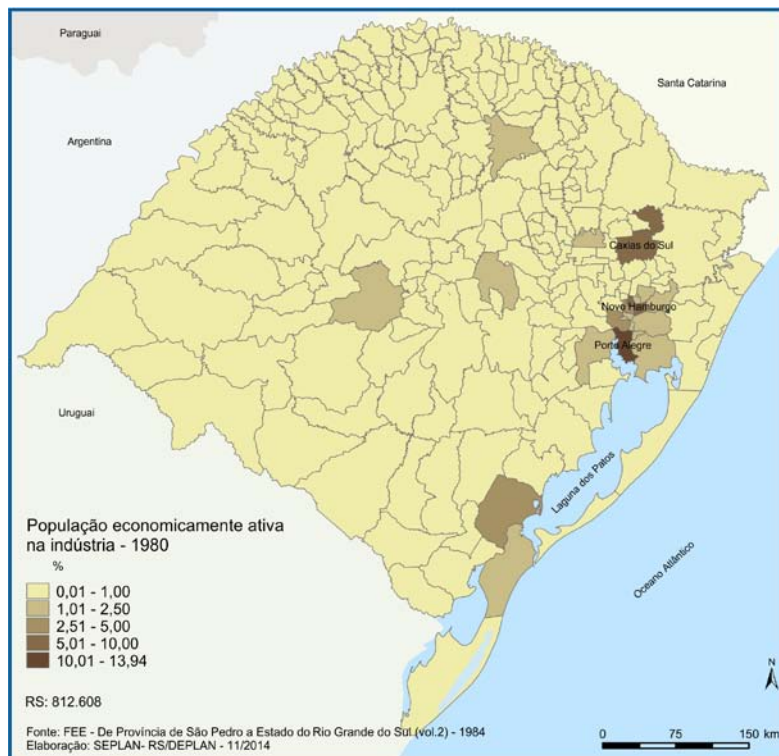
Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1981)

Figura 15: Pessoal ocupado na Indústria, por município- 1960



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

Figura 16: População economicamente ativa na Indústria- 1980



Fonte: Fundação de Economia e Estatística (1984)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período 1920-80, ocorreram transformações territoriais fundamentais para a atual configuração econômica do Estado. Na agropecuária, conforme supracitado, a região Sul perde importância, ao mesmo tempo em que se estabelece o crescimento de importância da região Norte. A introdução de culturas de exportação foi fundamental para os ganhos do Norte, contribuindo para o surgimento de uma Indústria regional vinculada ao setor primário. A introdução de tecnologias na agropecuária contribuiu para a migração campo- cidade, promovendo o crescimento populacional do eixo Porto Alegre- Caxias do Sul e fornecendo mão de obra para o setor industrial. O processo da *enxamegem*, ocorrido principalmente no Norte, chegava ao seu limite, promovendo a migração de populações para outros estados brasileiros.

Na indústria, uma maior integração da economia regional promoveu a perda de importância do Sul, com ganhos substanciais no Norte e no Nordeste. Caxias do Sul apresentou um crescimento considerável, constituindo o eixo industrial Porto Alegre- Caxias do Sul. A partir dos anos 1960, o efeito das deseconomias de aglomeração passou a incidir sobre Porto Alegre, promovendo o crescimento industrial de municípios atualmente na Região Metropolitana de Porto Alegre. Esses processos foram fundamentais para a atual configuração territorial da economia do estado, com a concentração industrial no Eixo Porto Alegre- Caxias do Sul e a maior participação da região Norte na Agropecuária estadual.

Atualmente, a falta de dinamismo dos centros urbanos do Sul e a mecanização do campo, com a expansão de culturas exportadoras, continuam promovendo uma migração populacional em direção ao leste do estado. No entanto, o crescimento dos municípios próximos a Porto Alegre parece ter arrefecido, constituindo as principais regiões de crescimento a Serra e o Litoral. O eixo Porto Alegre- Caxias do Sul de desenvolvimento industrial também parece estar se expandindo, principalmente em direção a Passo Fundo, facilitado por melhorias infraestruturais. Ao mesmo tempo, Porto Alegre se estabelece cada vez mais como centro de serviços, enquanto Caxias do Sul passa a ter cada vez mais importância na Indústria. A origem desses processos parece estar ligada às transformações econômicas supracitadas ocorridas no período 1920-1980.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. F. C.; LIMA, R. S. de. Apontamentos para uma discussão sobre a questão regional. **Ensaio FEE**, v.4, n.1, 1983. p.151-166.

ALONSO, J. A. F. Análise do crescimento da Região Sul na últimas décadas- 1959-90. In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística. 1994.

ALONSO, J. A. F.; BANDEIRA, P. S. Crescimento Inter-Regional no Rio Grande do Sul, nos anos 80: um breve retrospecto. In: FEE - **A Economia gaúcha e os anos 80: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira**. Porto Alegre, tomo 1, 1990. p. 67-130.

_____. A desindustrialização de Porto Alegre: causas e perspectivas. **Ensaio FEE**, v.9, n.1, 1988. p.3-28.

AZZONI, C. R. Indústria e reversão da polarização no Brasil. São Paulo, USP, **Ensaio Econômico**, n.58, 1986.

BANDEIRA, P. S. As raízes históricas do declínio da Região Sul. In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística. 1994.

BELL, S. **Campanha gaúcha: a Brazilian ranching system (1850-1920)**. Stanford: Stanford University Press. 1998.

DARBY, H.C. (org.). **A new historical geography of England before 1600**. New York: Cambridge University Press. 1976a.

_____. **A new historical geography of England after 1600**. New York: Cambridge University Press. 1976b.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul- Censos do RS 1803-1950**. Porto Alegre. 1981.

_____. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul- Censos do RS 1960-1980**. Porto Alegre. 1984.

KÜHN, F. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Leitura XXI. 2002.

LEMOS, B. O.; CARGNIN, A. P. Características da distribuição territorial da indústria de transformação no estado do Rio Grande do Sul. **Textos para Discussão FEE**, n.126. p.1-23. 2014.

TARGA, L. R. P. O processo de integração do mercado interno brasileiro: eliminação das particularidades econômicas e sociais do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, v.9, n.2. p.148-158. 1988.

PASSOS, M.C.; LIMA, R. S. de. Entre perdas e ganhos: apontamentos sobre a indústria gaúcha. **Ensaio FEE**, v.13, n.2. p.485-517. 1992.

PESAVENTO, S. J.. **História da indústria sul-rio-grandense**. Porto Alegre. Riocel. 1985. 123p.

____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1982.

SCHÄFFER, N. O. **Urbanização na fronteira**: expansão de Sant'Ana do Livramento/RS. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1993.

Recebido em: 26/11/2015
Aceito em: 20/07/2016